RESTA ESPERANÇA PARA O RESTO DE ISRAEL
Projetos de Esperança em Sofonias

Rafael Rodrigues da Silva

A profecia de Sofonias agita, inquieta e desestabiliza o poder com suas ameaças. Ameaça sem dó a elite governante e os que vão se apoderando dos bens do povo. Denuncia, sem medo, a existência dos pobres na cidade e dos pobres da terra. Os opressores vão se aprofundando e aperfeiçoando na exploração e no roubo das mulheres e dos homens, a ponto de encher a cidade com sangue inocente (cf. 2Rs 21,16).

A profecia de Sofonias é a profecia em defesa dos "pobres da terra". Sabemos que a tradição bíblica não reduz os pobres aos que simplesmente não têm nada, mas sim, são os que são impedidos de ter. Por isso, os grandes opositores dos pobres são denominados "maus", "poderosos", pois são os que exploram, oprimem e roubam (veja a crítica de Sofonias aos opressores em 1,2-18). Os pobres são os porta-vozes da profecia. "Os pobres são os rejeitados da condição humana, os 'condenados da terra', os rejeitados da sociedade, os marginalizados"[1]. Na tradição profética os empobrecidos são pobres porque foram despojados pelos poderosos. Na profecia de Amós os pobres são os camponeses espoliados, ou seja, o homem livre que está completamente endividado, mas que se organiza e resiste contra a espoliação citadina e estatal (Am 2,6-7; 4,1; 5,11; 8,4.6)[2]. Olhando para os dias de Sofonias, os pobres serão denominados "resto de Israel" (2,3 e 3,12). Os mais pobres estavam ameaçados e sendo empurrados para o caminho da escravidão; enquanto os mais ricos estavam em plena ascensão. Os "pobres" são os camponeses e agricultores sem a terra, os endividados, os que estão na periferia da cidade, as mulheres, as crianças, em suma, a população marginalizada que serve aos interesses econômicos dos poderosos.

A profecia de Sofonias anuncia o fim dos que detêm o poder (1,2-18) e ao mesmo tempo anuncia aos pobres da terra e ao resto de Israel que busquem Javé, busquem a justiça e busquem a pobreza para que possam se salvar no dia da ira (2,1-3). O anúncio do dia de Javé vem caracterizado pela ameaça. Sua ênfase recai sobre o fim dos totalitários. Certamente a profecia está denunciando a elite palaciana que foi conquistando o poder através da centralização do excedente agrícola e do controle das

1. COMBLIN, José. "Os pobres como sujeitos da história". In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*. n. 3, Petrópolis/São Leopoldo/São Paulo: Editora Vozes/Editora Sinodal/Imprensa Metodista, 1989, p. 38.

2. SCHWANTES, Milton. *Amós: meditações e estudo*. Petrópolis/São Leopoldo: Editora Vozes/Editora Sinodal, 1987, p. 53-64.

transações comerciais. Taxas, ouro, prata e pobreza determinam a vida nos dias de Sofonias. A grande denúncia profética recai sobre o comércio e principalmente a classe rica que está vivendo tranqüila das benesses adquiridas pela política econômica. Aos opressores Sofonias anuncia que no dia de Javé serão castigados, irão chorar e lamentar-se. Aos pobres Sofonias anuncia que resta esperança.

A situação do povo nos dias de Sofonias...

As palavras proféticas são contextuais. Dialogam com a realidade. Foram ditas numa situação política e específica. A palavra de Javé que veio a Sofonias se dá nos dias de Josias. A questão que se levanta é se o profeta atuou antes ou depois da reforma josiânica. Grande parte dos autores situam a atividade profética de Sofonias entre 639 e 622 aC aproximadamente[3]. Qual a situação do povo nestes dias?

A realidade do povo era, pois, marcada pela opressão e pelas regras impostas pelo império assírio, pela exploração dos setores dominantes da sociedade judaíta e pela manipulação religiosa. O povo do campo e da cidade, com seu suor e sua fome, era convocado a manter o luxo das elites, a corrupção e a política econômica do Estado.

nos dias da dominação assíria...

A dominação assíria a partir do século VIII marca a vida de Israel e Judá. As profecias de Amós, Oséias, Miquéias e Isaías estão inseridas nestes novos tempos da invasão imperial. O ano 734 aC há de ser um grande referencial. A Assíria alcança o auge de sua hegemonia. Podemos dizer que a submissão não aconteceu de uma hora para outra e nem de maneira igual em toda a região. Em alguns lugares só aconteceu a obrigação de pagar os tributos, enquanto que em outros lugares os povos se tornaram vassalos da Assíria. Os assírios passavam a administrar diretamente os territórios ocupados. Submetiam monarcas locais, incorporavam áreas conquistadas ao sistema de províncias. Estamos diante de um império que procurava cada vez mais ser eficiente na arrecadação dos tributos. E aos vassalos que deixassem de pagar tributos ou tomassem parte em coalizões antiassírias, o império respondia com a redução do território e as partes dominadas eram transformadas em províncias. Esta redução do território era marcada, sobretudo, com as deportações. Caso os vassalos ousassem conspirar, o grande rei da Assíria suprimia por completo o Estado rebelde.

A Assíria vem com poder e força. Era a potência militar mais temida da época. Vai impondo medo nos territórios conquistados e dominados. No período de forte

3. Veja entre outros SCHÖKEL, Luís Alonso e SICRE DÍAZ, José Luis. *Profetas II*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991, p. 1143; SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio – História e teologia do povo de Deus no século VI aC*. São Leopoldo/São Paulo: Editora Sinodal/Edições Paulinas, 1987, p. 50, e LANGOHR, Guy. *Le Livre de Sophonie et la critique d'authenticité*. Lovaina, 1976, p. 3.

dominação assíria, está reinando em Judá Manassés, que segue todos os mandos e desmandos do império. "...tornou a edificar os altos (santuários) que Ezequias, seu pai, tinha destruído e levantou altares a Baal e Aserá, fez um bosque, inclinou-se e serviu todo o exército do céu... edificou altares na casa de Deus... até fez passar seu filho pelo fogo... Além disso, Manassés também derramou muitíssimo sangue inocente, até que encheu Jerusalém de um ao outro extremo" (2Rs 21)[4]. Manassés, como rei vassalo da Assíria, espoliou e reprimiu muito o povo e utilizou diferentes instrumentos para extorquir o camponês. Um destes é aludido tanto pelo deuteronomista quanto pelo cronista: o culto aos deuses assírios[5]. O "derramar sangue" pode ser entendido como ação repressora e violenta. Na linguagem profética percebe-se claramente que a grande violência promovida pelo Estado consiste na exploração e no roubo progressivo da produção e dos meios de produção do camponês. O "derramamento de sangue" no contexto da política e governo de Manassés é uma questão de injustiça e maldade social. Numa política tributária e com a obrigação de pagar os tributos ao império, a tendência é o Estado acelerar a concentração dos frutos do trabalho. Para tal empreendimento se recorre à violência física e à religião. Assim, espoliação e violência perfazem o dia-a-dia do povo nos dias de Manassés.

Neste tempo o povo é convocado a manter os padrões de uma economia mercantilista. Aliás, desde as vitórias de Sargon em 716 aC o livre comércio faz parte dos objetivos do império para o controle econômico. Assim assírios e egípcios comercializam livremente seus produtos. Certamente Judá não esteve excluído dos benefícios desta política de livre câmbio. Esta política econômica proporcionou a ampliação dos mercados de Jerusalém e as atividades comerciais. Por conseguinte a capital se expandiu em novos subúrbios a oeste e norte: a "Porta dos Peixes" e "Maktesh" (Sf 1,10-11).

No entanto, essa exploração encontra resistência, e novos fatores na política interna de Judá são criados diante do declínio dos assírios e da política repressora de Manassés. É a revolução de 640 aC. Por um lado, o "povo da terra" se impõe e assume a situação após o golpe promovido pelos servos de Amon; por outro lado, temos a palavra profética desde os pobres. Pode-se até pensar que o movimento deuteronômico seja fruto dessa resistência na linha do profetismo[6]. Neste ambiente de conturbações

4. "Executou contra o povo a política de opressão em favor dos assírios". SCHWANTES, Milton. *Opus cit.*, p. 18.

5. No sistema tributário "a minoria dominante – já organizada num Estado emergente – detém cada vez mais a força de um exército regular para manter seu poder e seu 'direito' ao tributo através das armas. Além disso, aperfeiçoa-se o aparato ideológico, carregado principalmente pela religião, com a finalidade de manter a maioria produtora submissa, garantindo uma suposta legitimidade da tributação". DREHER, Carlos A.. "Escravos no Antigo Testamento". In: *Estudos Bíblicos*, n. 18. Petrópolis: Editora Vozes, 1988, p. 12.

6. "No período da cruel repressão de Manassés 'não houve' profetas, ou seja, houve (porque muito sangue inocente foi derramado), mas suas palavras não chegaram até nós. Suas memórias estão nos cárceres da repressão. Ainda assim, temos a memória escrita de um outro movimento que, justamente, teve seu momento forte quando os profetas não podiam manifestar-se. Refiro-me ao movimento deuteronômico". SCHWANTES, Milton. *Opus cit.*, p. 22.

sociais e lutas internas pelo poder aparece a grande força política do povo da terra que promove um golpe e confirma sua hegemonia ao colocar no trono o menino Josias. O povo da terra toma a situação nas mãos, justamente quando Judá está começando a libertar-se das relações de vassalagem. Eis um grupo organizado politicamente e que vai galgando sempre mais poder. A elite da cidade e do campo dita as regras e administra o Estado. Estamos entre os anos 640 e 622 aC.

nos dias de Josias...

No livro dos Reis não encontramos nenhuma menção à situação do povo no período da menoridade de Josias. Ele nos informa sobre acontecimentos após o décimo oitavo ano do governo de Josias (2Rs 22,3–23,30). Vejamos, então, alguns aspectos desta reforma[7].

A elite governante obteve bonança econômica e aumentou seu luxuoso consumo (cf. 2Rs 22,3-7) através do sistema de taxação que concentra o excedente (prata) no templo, do mercado de trabalho e do valor excedente que permite comprar o trabalho e sujeitar os trabalhadores à economia de mercado[8]. Comércio e taxação são, pois, os instrumentos utilizados por Josias para construir um aparato administrativo forte. Diante das pequenas possibilidades de arrancar "excedentes" da elite governante, dos arrendadores e dos comerciantes, era preciso incrementar uma eficiente extração de "excedentes agrícolas" dos camponeses. Empreende-se a abolição dos santuários locais, como por exemplo o lugar alto em Betel, que é um dos maiores santuários do reino do norte. A reforma força os camponeses a trazerem seus excedentes ao templo de Jerusalém[9].

Esta centralização trouxe vantagens econômicas. O aumento de excedentes agrícolas contribuiu para a expansão da indústria agrícola em Jerusalém e com isso produziu um crescimento no comércio, a ponto de Judá se tornar um dos principais fornecedores de vinho e azeite para o comércio fenício e expandir as transações comerciais com a Arábia[10].

Todo este controle econômico passa a determinar e a ditar as relações sociais. 2Rs 22–23 deixa transparecer uma formação social antagônica e hierárquica. O rei junto com seus altos oficiais, os maiorais de Judá e Jerusalém representam os segmentos superiores. Já os funcionários como os guardas do umbral, os artesãos, os pedreiros, os construtores e carpinteiros representam os segmentos intermediários. E por fim o segmento dos empobrecidos são aqueles que foram submetidos à taxação,

7. Utilizarei o comentário de NAKANOSE, Shigeyuki. Josiah's Passover. Sociology and the Liberating Bible. In: *The Bible & Liberation*. Maryknoll: Orbis Books, 192 p.

8. NAKANOSE, Shigeyuki. *Opus cit.*, p. 48-49.

9. *Ibid.* p. 50.

10. *Ibid.* p. 51.

que são os camponeses que trabalham em suas terras ou trabalham como "meeiros" ou ainda nas construções. O grande conflito social presente neste projeto de centralização cúltica de Josias se dá entre os sacerdotes jerusalemitas e os sacerdotes levitas das aldeias[11]. O declínio do império da Assíria favoreceu a organização da elite governante de Judá e o estabelecimento de um novo processo econômico... que promoveu mudanças e conseqüentes conflitos nas relações sociais, especificamente no declínio e queda dos sacerdotes levitas das cidades de Judá e dos sacerdotes de Israel, levando a vida das comunidades aldeãs para o declínio[12].

Politicamente, Josias veio ao trono como resultado de uma luta interna entre os servos de Amon e o povo da terra. Neste momento o povo da terra exerceu o poder político para manter a dinastia davídica. Assim a política administrativa de Josias representa o interesse de poder e a busca de riqueza da elite governante. A centralização do culto em Jerusalém, de certa maneira, é a grande marca da reforma de Josias. Em termos políticos esta centralização demonstra como a elite governante monopolizou o livro da lei e promoveu a prática da lei não para proteger a população rural, mas para reforçar o sistema político centralizador da corte[13]. Na opinião de Shigeyuki Nakanose a reforma de Josias "produziu uma série de investimentos em programas socieconômicos para o desenvolvimento de uma centralizada economia mercantilista, assim como num programa social mantenedor dos trabalhadores sem bens como trabalho barato"[14].

A reforma deuteronômica empreendida por Josias teve a grande finalidade de reorganizar as finanças do Estado e para isso era preciso canalizar os impostos dos camponeses para a corte jerusalemita e para as despesas de defesa nacional. Para o autor isto trouxe uma redução nos rendimentos dos impostos que a liderança rural obtinha através dos impostos. Assim o reinado de Josias procurou contrabalançar os diferentes grupos sociais em contenda, oferecendo incentivos ou recompensas (de modo desigual). O reinado de Josias procurou atrair diferentes setores para este plano (reforma) de reorganização e até mesmo tentou "subornar" na medida do possível (evidentemente que de maneira desigual)[15].

Para enfrentar as críticas, a elite governante certamente necessitou de uma propaganda ideológica para sustentar o *status-quo* e neutralizar os oponentes. Assim

11. *Ibid.* p. 62-64.

12. *Ibid.* p. 65.

13. *Ibid.* p. 71-75.

14. *Ibid.* p. 77. Na p. 76 o autor apresenta algumas vantagens produzidas pela reforma para a vida dos jerusalemitas: expansão dos limites israelitas, implicando no aumento dos mercenários assalariados pela corte de Jerusalém; expansão do comércio em trânsito, transformando Jerusalém num grande centro de processamento agrícola e um maior mercado de trabalho; para evitar uma explosão social, o governo de Josias desenvolveu uma série de programas sociais oferecendo bem-estar (cf. 2Cr 33,1-18); e por último com a restauração do território do Estado do Norte veio a propaganda política de posse da terra a favor dos camponeses sem terra.

15. CLABURN, W.E. "The Fiscal Basis of Josiah's Reforms". In: *Journal of Biblical Literature*, 92, 1973, p. 11-22.

Josias é apresentado como um legítimo rei davídico e como o grande executor do movimento de libertação nacional contra os assírios. Shigeyuki Nakanose diz que neste momento o livro da lei que fora apresentado continha não somente a coleção das tradições tribais senão também uma justa invenção teológica dos sacerdotes oficiais e escribas[16].

Provérbios 28–29, provavelmente redigidos neste ambiente[17], apresentam a existência de três segmentos econômicos: o rei e os chefes (estes controlam as finanças e abusam da cobrança de tributos); os ricos que exploram o trabalho e a produção; e os pobres que são explorados (principalmente no trabalho) e que não têm bens. Eis uma crítica ao processo de exploração que não está presente só em Jerusalém, mas que pelo jeito atingiu os vilarejos através da exploração do trabalho e do aumento da riqueza com usura[18].

Também a profecia de Jeremias 2–6 nos ajuda a perceber a situação do povo nestes dias. Suas palavras condenam a elite que está usufruindo do processo de enriquecimento ("o sangue dos pobres, dos inocentes se encontra até nas orlas de tuas vestes" – Jr 2,34). Jeremias designa a classe dirigente de Judá, que com seus crimes perturba a ordem, de gente malvada, à espreita, como caçador de pássaros. Apanham homens (5,26). Estes malvados se tornam cada vez mais importantes e ricos e engordam às custas do engano, do mal e, sobretudo, da negação da causa dos órfãos e do direito dos pobres. É o sangue dos pobres e inocentes que se encontra nas vestes da elite. Em outras palavras, Jeremias está condenando o enriquecimento através da espoliação. Mentira e roubo é o que perfazia a realidade do povo segundo a profecia de Jeremias. Na cidade reina a opressão, a maldade, a violência e o sofrimento. O anúncio de paz dos profetas e sacerdotes não passa de mentira. Estes roubam casas, campos e mulheres. Tudo é ganância.

Enriquecimento fácil, violência, fraude, espoliação e perda dos bens (campos e casas) perfaziam o dia-a-dia das mulheres, dos homens e das crianças nestes dias. Não só Manassés derramou muito sangue inocente, mas também a elite governante e o rei Josias têm nas orlas de suas vestes o sangue dos pobres e dos inocentes. Passemos a olhar as palavras de Sofonias diante deste contexto.

Palavra de Javé que aconteceu a Sofonias

As palavras proféticas analisam e acusam a exploração e a violência praticadas em Jerusalém. São palavras que ameaçam os poderosos. O dia de Javé será um dia de

16. *Ibid.* p. 90.

17. ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. *Os sábios e a luta do povo.* São Paulo, CEPE, 1991, p. 5-67, e GORGULHO, Gilberto. "A libertação e a sabedoria". In: *Estudos Bíblicos*, 1986, nº 8, p. 12-20 (Na p. 13 descreve três exemplos que mostram a semelhança entre as imagens e o vocabulário de Pr 28–29 com os oráculos de Sofonias).

18. FERNANDES, Tadeu L., BARENCO, Maristela, DE FREITAS, Jacir, MIRANDA, Márcia, FARIA, Antônio F.M., TAVARES, Sinivaldo e FERREIRA, Amauri. "Pr 29: Sabedoria do povo ontem e hoje – uma leitura sociológica". In: *Estudos Bíblicos.* Petrópolis, Editora Vozes, nº 13, 1987, p. 69.

ruína para os príncipes, os sacerdotes, os oficiais, os militares e os comerciantes. Eis uma profecia cheia de ameaças. Contudo, aparecem também palavras de apelo para os "pobres da terra" e para o "resto do meu povo", para que cumpram o direito de Javé. Para os pobres, Sofonias anuncia que existe possibilidade de no futuro se buscarem a justiça, Javé e a pobreza (2,3).

O livro de Sofonias funciona como uma grande coleção de ditos que foram agrupados ao redor de um tema. O "Dia de Javé" é o grande tema que costura esta coletânea de ditos. A atuação do profeta se dá entre 639 e 622 aC e a composição do livro nos dias após a reforma de Josias. Quem compila o livro faz memória dos ditos proféticos, atualizando-os em meio aos sinais catastróficos e à crise instaurada nas proximidades de 597 (período da invasão babilônica). São variadas as formas de dividir o livro de Sofonias[19]. Levando em consideração as divisões apresentadas pelos diversos comentários, penso que Sofonias 1,1–3,20 pode ser dividido em quatro grandes partes: 1,2–2,3; 2,4–3,8; 3,9-13 e 3,14-20. Não pretendemos neste artigo trabalhar todos os detalhes da profecia e do livro de Sofonias. Vamos priorizar dois aspectos importantes. Os ameaçados pelo dia de Javé (Sf 1,2–2,3) e os sinais de esperança para o "resto de Israel"/"resto do meu povo" (Sf 2,3.9 e 3,12-13).

"Eis que se aproxima o dia de Javé!" – 1,2–2,3

A grande característica destas palavras de Sofonias é de ameaça. Podemos verificar pelos verbos "castigar", "angustiar", "destruir" e "eliminar" que o dia de Javé é um dia terrível e está carregado pelo tom de guerras e lutas, onde se escutarão clamores e lamentos. É um dia de angústia, trevas e escuridão, um dia em que soará a trombeta e os gritos de batalha. E da mesma forma que o sangue das vítimas corre abundantemente nas festas sacrificiais, correrá também o sangue no combate de Javé contra seus inimigos[20]. Quem são estes inimigos? Quem são os ameaçados pelo dia de Javé?

19. Por exemplo para Marvin A. SWEENEY, o livro de Sofonias pode ser dividido em três seções (1,2–2,3; 2,4–3,8 e 3,9-20). Ele chega à conclusão na p. 403 de que o livro consiste de duas seções maiores: o anúncio profético do dia de Javé em 1,2-18 e a exortação profética para buscar Javé em 2,1–3,20 ("A Form-Critical Reassessment of the Book of Zephaniah". In: *Catholic Biblical Quarterly*, nº 53, 1991, p. 388-408). Carl A. KELLER apresenta uma relação de nove unidades literárias, que são: 1,2-5; 1,7-13; 1,14-18; 2,1-3; 2,4-15; 3,1-5; 3,6-13; 3,14-18a; 3,18a-19. Ele considera 1,6 e 3,20 como sendo glosas. In: *Nahum, Habacuc et Sophonie. Commentaire de l'Ancien Testament*. p. 187-189. Numa perspectiva diferente, Klaus SEYBOLD aborda o livro de Sofonias a partir das características de caricatura, analisa alguns fragmentos (1,2; 1,7; 1,8; 1,12; 1,14-16; 1,17; 2,1-2a; 2,4; 2,5; 2,9; 2,12; 2,13; 3,1.3; 3,6; 3,8a.9a.10), considerando que a profecia de Sofonias consistia originalmente de pequenas unidades avulsas que trabalham com a ridicularização, o tirar sarro e o caçoar. In: Die Verwendung der Bildmotive in der Prophetie Zefanjas. *Orbis Biblicus et Orientalis*, nº 64, 1985, p. 30-54.

20. VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE/Associação de Seminários Teológicos Evangélicos, vol. 2, 1974, p. 119-120.

Sarim – o rei, vice-reis, comandantes e chefes, dirigentes de um grupo, e finalmente designa uma classe ou ala, a casta de oficiais[21].

bene hamelek – Este é um termo não muito usado para se referir aos oficiais. Serve muito mais para a determinação de funções do que para a pertença à família real. Seriam funcionários ou simplesmente oficiais do exército[22].

"*os que se vestem de roupas estrangeiras*" – Aqui temos possivelmente uma referência a costumes da Assíria, incluindo vestidos infiltrados na terra e usados nos cultos estrangeiros. Sofonias constata que a corte vive no consumo exagerado e com vestes do estrangeiro[23].

"*os que saltam o umbral*" – Esta ação está relacionada aos guardas das portas dos palácios dos ricos que abusam desta posição para extorquir moedas daqueles que são explorados por seus chefes. Estes enchem a casa de seus senhores de roubo, violência e fraude.

"*todo o povo de Canaã*" – nos v. 10-11 é patente a crítica aos comerciantes. O castigo que virá para a corte (v. 8-9) trará como conseqüência para os comerciantes lamentos e gritos. Ouvir-se-ão gritos da "porta dos Peixes", lamentos no "segundo quarteirão". E os "habitantes de Maktesh" irão lamentar. Por certo, a profecia está criticando a região dedicada às atividades dos comerciantes e mercadores, pois se tomarmos a raiz "triturar", "moer" podemos ver que a profecia está fazendo um jogo lingüístico para demonstrar como a produção e a vida do camponês estão sendo trituradas e moídas pelas atividades comerciais, que se tornaram tão intensas[24].

21. KÖHLER, Ludwig e BAUMGARTNER, Walter. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*, 1985, p. 929. De acordo com Dt 1,15 estes *sarim* podem estar relacionados com as funções militares. Em Gn 12,15 são designados como representantes do rei (oficiais); já em Nm 22,8 e Jz 7,25 são os comandantes e administradores. De modo geral são os líderes e os chefes. O termo pode indicar os funcionários que estavam encarregados de três funções: administração das finanças, funções legislativas limitadas e funções judiciais. Os *sarim* têm funções jurídicas e estão inseridos nas manobras econômicas e administrativas. Mas também tinham funções militares. São os altos funcionários da corte. São os responsáveis por diversos cargos (na administração, no exército, na justiça).

22. Em Jr 36,26; 38,6; 1Rs 22,26-27 o título "filho do rei" está relacionado com o contexto de prisão, o que pode levar a supor que "filhos do rei" em Sofonias quer indicar alguma função dentro da corte relacionada com o aparato militar. Por certo, os dias da profecia de Sofonias estão marcados pelo aumento da riqueza e a forte comercialização dos produtos como vinho, azeite, metais e grãos para o mercado nacional ou internacional, e com isso o Estado requeria cada vez mais o serviço de funcionários subordinados.

23. Assim, ao criticar os que "se vestem de roupas estrangeiras", a profecia de Sofonias está criticando o luxo desenfreado daqueles que estão vivendo em tempos de bonança econômica. A elite vive no luxo através da exploração, da violência e das fraudes.

24. A profecia está fazendo uma caricatura dos comerciantes. Mas por que lamentarão? A resposta está no v. 11, quando diz que "destruídos todos juntos Canaã e eliminados todos que pesam prata". Se analisarmos este dito junto com o anterior, podemos dizer que a vida luxuosa da elite governante se impôs através dos mecanismos econômicos de exploração, bem como trouxe vantagens econômicas com o aumento de excedentes agrícolas em Jerusalém e das intensas relações comerciais. "Canaã é uma expressão idiomática para comerciantes" (SWEENEY, Marvin A. *Opus cit.*, p. 396). "Alguns textos utilizam claramente o significado primário mercantil, ou seja, o cananeu é negociante (Is 23,8; Pr 31,24; Sf 1,11 e Zc 11,7.11)" (GOTTWALD, Norman K. *As tribos de Iahweh. Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050*. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 505).

"*homens que formam borra sobre sua borra*" – Aqui são ameaçados os "homens" que, conforme o contexto, podem ser designados como exploradores, negociantes e homens que desempenham funções militares. O que fazem tem a ver com o processo de fabricação do vinho. Podemos perceber que Sofonias está ameaçando "aqueles que controlam e se apoderam da produção do vinho na cidade velha". Portanto, o povo ameaçado de formar borra sobre sua borra são os ricos, os mesmos que se têm aproveitado de todas as atividades econômicas.

yoxbe ha'arez – Costumeiramente traduzimos esta expressão por "habitantes da terra". Podemos traduzir como "aqueles que sentam", ou "os que estão sentados sobre o trono do rei"; ou ainda "aqueles que presidem a corte"[25].

No quadro acima, vimos que diversos grupos sociais são atingidos pela profecia de Sofonias. Serão castigados os que estão exercendo o poder. O dia de Javé é sinal de ruína para a elite governante. Assim a profecia anuncia o fim de todos os "governantes/líderes". Como conseqüência deste fim os comerciantes, os que pesam prata e os que usufruíam da política econômica irão lamentar, chorar e gritar. Eis um dia de guerra contra as cidades seguras e fortificadas, onde os guerreiros irão gritar e os homens andarão como cegos. Estes grupos ameaçados pela profecia de Sofonias não se restringem ao âmbito da capital, mas muitos deles estão também nos povoados e vilarejos camponeses. Pois a cidade exercia todo o controle político, econômico e militar sobre as aldeias e as vilas[26]. A profecia de Sofonias, ao ameaçar as lideranças políticas e econômicas, está se fazendo porta-voz dos camponeses endividados e principalmente dos pobres.

A partir da definição dos ameaçados, que acabamos de perceber no texto, vamos verificar os mecanismos de opressão destes grupos postos sob a mira da ameaça do dia de Javé.

25. KÖHLER, Ludwig e BAUMGARTNER, Walter. *Opus cit.*, p. 409-410. Podemos relacionar esta expressão com "todos os poderosos da terra" em Is 14,9 ou com os "nobres da *terra*" em Is 23,8. Seguindo esta definição, podemos dizer que o anúncio de destruição do v. 18 se dirige à corte, ou melhor dizendo, à elite governante. Norman K. GOTTWALD propõe traduzir no sentido de "governadores". Seriam aqueles que estão no exercício da autoridade política. Elaborando uma análise dos *yoxebim* nos profetas e nos textos históricos, conclui que: 1. há uma incidência significativa de *yxb* na forma participial "sentando no trono", tendo aí um sentido de um substantivo comum, "governador/líder" ou de um substantivo verbal, "governando/ocupando um cargo/exercendo uma autoridade"; 2. é aplicado diretamente aos líderes israelitas; 3. possui uma coloração de "governar abusivamente" ou "governar opressivamente" ou até mesmo de "governando ilegitimamente"; 4. a liderança aludida por *yxb* é mais ampla do que a realeza propriamente dita, se bem que em alguns casos seja paralela a "reinar". E sua aplicação se dá pelo fato de que não eram apenas reis que "sentavam" no exercício do cargo; todas as espécies de funcionários políticos "sentavam" no conselho. Assim *yoxeb* pode ser um rei, um príncipe, um comandante militar, um juiz ou meramente um líder ou funcionário de posição ou graduação não especificada. Pode ser meramente alguém que exerça algum poder efetivo, como um negociante ganancioso ou alguém que se apossa de terras ilegalmente. *Opus cit.* p. 520-535.

26. "As três funções básicas da cidade eram: *sede do governo* (capital, centro administrativo e jurisdicional, cidade residencial, fortificação e guarnição), *sede da vida religiosa* (templo, santuário central, terminal de peregrinações), *centro econômico* (mercado e comércio central, importação e exportação, casa da moeda e artesanato). Como ponto central da sociedade agrária a seu redor, a cidade tem função monopolizadora e distributiva". DOBBERAHN, Friedrich Erich."O texto nos envia para a rua. Sobre o papel da arqueologia na hermenêutica da América Latina". *Estudos Teológicos*, ano 32, n° 2, p. 145.

1. A forte crítica de Sofonias recai sobre a política econômica, que girava em torno das atividades comerciais e conseqüentemente estava produzindo o enriquecimento e vida tranqüila das elites. Como já falamos anteriormente, nos dias de Sofonias Judá está vivendo um crescimento forte nas relações comerciais. Ouro e prata determinam a vida. Há um forte controle do comércio, até mesmo junto às colinas. Sinal de que as relações comerciais não são um fator somente da capital, mas atingem os vilarejos, as aldeias e os arredores, principalmente as proximidades às rotas comerciais. Judá após o declínio do império assírio caminha para expandir suas fronteiras (Sf 2,4-15)[27]. A forte crítica de Sofonias não recai simplesmente sobre os comerciantes. Se atentarmos bem para o texto, se diz que os habitantes de Maktesh, os que vivem no segundo quarteirão e os que estão na porta dos Peixes irão chorar e lamentar. Irão chorar e lamentar a destruição e devastação da cidade e, por conseguinte, o fim da política econômica[28]. O fim do Estado e principalmente dos mecanismos utilizados para extorquir e explorar vai acarretar choro e lamentos para os grupos que neste tempo estavam se enriquecendo. O grito dos comerciantes é decorrente do fim dos injustos e malfeitores e, como diz Provérbios: "quando os justos triunfam há grande alegria; mas quando os ímpios sobem, os homens escondem-se!" (28,12). O dia amargo de Javé irá pôr fim ao enriquecimento fácil das elites, tanto no campo quanto na cidade.

2. O dia de Javé será como passar lanternas sobre a cidade a fim de investigar. Serão investigados aqueles que estão usufruindo da exploração, seja através das relações comerciais, seja através do sistema de taxação. Como está dito em 3,1-5: os chefes, os profetas, os juízes e os sacerdotes transformaram a cidade numa cidade rebelde, manchada e opressora. A profecia de Sofonias, ao anunciar o dia de Javé contra a cidade opressora, está anunciando o castigo para aqueles que nela vivem uma vida faustosa. A cidade aglutina a exploração e o consumo. O dia de Javé como um dia de angústia e devastação implica na destruição da cidade. O povo pobre não será eliminado, mas sim os que estão instalados no poder e denominados por Sofonias como "habitantes da terra", isto é, os "governantes da terra", aqueles que estão sentados no trono e que estão se apoderando da produção, principalmente do vinho (1,12). São os altos funcionários (os *sarim*) e os que estão exercendo o poder e dando as coordenadas na administração e na política econômica (os *bene hamelek*), são os militares e guerreiros. Por isso, serão castigados e "construirão casas mas não habitarão nelas, plantarão vinhas mas não beberão o vinho delas" (1,13).

3. Violência e fraude perfazem a prática do Estado e da elite governante. A violência é manifestação de poder. "Encher a casa de seus senhores de violência e

27. CHRISTENSEN, Duane L. "Zephaniah 2:4-15: A Theological Basis for Josiah's Program of Political Expansion". In: *The Catholic Biblical Quarterly*, n° 46, 1984, p. 669-682.

28. Veja esta opinião em SICRE DIAZ, José Luis. Los dioses olvidados. Poder y riqueza en los profetas preexílicos. *Estudios de Antiguo Testamento*, v. 1. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1979, p. 136-137.

fraude" demonstra o grande abuso de poder e o aumento das relações injustas. Enquanto os pobres praticam o direito e a justiça, os opressores praticam a violência. A grande violência reside na opressão econômica e política aos pobres e fracos. Por isso em Sofonias a violência está associada à fraude (ao engano econômico). No entanto, a violência acontece também no nível ideológico como legitimação das práticas de dominação. Nos dias de Sofonias esta legitimação da opressão é marcada pelo templo e também pela ideologia de que Javé "não faz o bem nem o mal".

A vida do povo estava marcada pela opressão e espoliação. Os dominadores, para manter o poder e viver no luxo, souberam colocar em prática as suas instituições espoliativas, como o comércio, a violência e a ideologia religiosa. Os injustos em Pr 28–29 são os chefes que controlam as finanças e que multiplicam as opressões e acumulam riquezas. Nesta perspectiva podemos ler Jr 5,26-28, onde os injustos andam espiando, armam laços, prendem os homens, se enriquecem e suas casas estão cheias de engano e, principalmente, eles não julgam a causa dos órfãos e o direito dos necessitados.

Sofonias trata destas transgressões ao falar da exploração daqueles que vivem tranqüilos das benesses do sistema econômico e político e as suas riquezas advêm de fraudes e violência. Por isso tanto Jeremias quanto Sofonias anunciam a saída na volta a Javé, ou seja, na conversão. E para Provérbios a saída está na profecia e no guardar a lei ("não havendo profecia, o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é bem-aventurado", 29,18).

Para os dominadores e suas instituições, a profecia e a sabedoria decretam o fim. Pr 29,26 nos fala do juízo que vem de Javé e Sofonias anuncia a proximidade do dia de Javé. E para o povo pobre qual é o anúncio feito por Sofonias? Existe esperança para os pobres?

Esperança para os pobres da terra

A profecia de Sofonias aparece em defesa dos "pobres da terra". Apresenta esperança para os que são as vítimas das fraudes, violências e opressão da cidade. Buscando um paralelismo entre os *'anawim* (pobres) e os *dallim* (fracos), tratar-se-ia dos lavradores espoliados pelo sistema tributário. Uma outra definição podemos buscar na comparação entre "povo da terra" e "pobres da terra", pois com Josias o "povo da terra" galgou o poder e se tornou aliado da cidade, que se tornava cada vez mais opressora; aí os "pobres da terra" nada mais são que o povo enfraquecido pela estrutura citadina[29].

Sofonias 2,3 anuncia: "buscai a Javé todos vós, pobres da terra". Sofonias utiliza o adjetivo *'anawin* originado do verbo *'anah* que significa: "oprimir", "explorar",

29. GORGULHO, Gilberto. "Sofonias e o valor histórico dos pobres". In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, nº 3, Petrópolis/São Leopoldo/São Paulo: Editora Vozes/Editora Sinodal/Imprensa Metodista, 1989, p. 28.

"angustiar", "afligir"[30]. Esta raiz expressa a miséria e por isso tem o significado básico de "estar golpeado, deprimido". Também se aplica a um leão, "agachar-se", porém, para o homem tem o sentido de "estar golpeado, sofrer"[31]. Pode ser aplicado em sentido reflexivo, "humilhar-se"; bem como em sentido passivo, "ser oprimido, afligido"[32].

Para Julio de Santa Ana estes dois termos devem ser considerados em conjunto, pois provêm da mesma raiz e podem designar a ação de "inclinar-se" ou "estar inclinado". Portanto, querem descrever uma situação de inferioridade social[33]. Assim *'anah* quer indicar o pobre enquanto encurvado ou inclinado por um peso: o da exploração econômica, da opressão política ou da enfermidade. No livro de Provérbios seria o curvado pelo despojo e a opressão (22,22), o abandonado e esquecido pela justiça (31,9) e o escarnecido e humilhado pelos opressores (3,34; 30,14)[34].

Na denúncia profética e na sabedoria "os pobres da terra" são apresentados em situação de opressão. Na oração aparece o anseio de serem libertos e na profecia a denúncia de que os pobres estão sendo destruídos pelos adversários. A tradição bíblica não reduz os pobres aos que simplesmente não têm nada, mas sim aos que são impedidos de ter. Por isso os grandes opositores dos pobres são denominados "maus", "poderosos"; pois são eles que exploram, oprimem e roubam[35]. Assim podemos dizer com Sofonias que o empobrecimento é o resultado da violência, da fraude e da opressão que reinam na cidade e nos palácios.

Porém Sofonias nos diz algo a mais acerca dos "pobres da terra". Estes praticam o direito e "realizam/executam as ordens da justiça/lei de Deus". Os pobres agem conforme o direito e os injustos são apresentados como os que fazem injustiça, que é o contrário da prática do direito. Por exemplo em Am 2,6-8; 5,10-15 e 8,4-5, podemos dizer que a injustiça está relacionada com a negação do direito dos pobres na porta, com a venda dos pobres e com as balanças enganadoras. Encontramos também em Ez 28,15-16 a injustiça relacionada com a perversão que implica na multiplicação do comércio e da violência.

Para os "pobres/oprimidos da terra", Sofonias aponta três possibilidades de libertação:

30. TAMEZ, Elsa. *A Bíblia dos oprimidos. A opressão na teologia bíblica.* São Paulo: Edições Paulinas, 1981, p. 26.

31. MARTIN-ACHARD, R. In: JENNI, Ernst e WESTERMANN, Claus. *Opus cit.*, p. 435.

32. *Ibid.* p. 436-437.

33. SANTA ANA, Júlio de. *A igreja e o desafio dos pobres.* Petrópolis: Editora Vozes/Tempo e Presença Editora, 1980, p. 25 [o cap. I, nas p. 25-37, aborda os pobres e a pobreza no Antigo Testamento].

34. LÓPEZ, Rolando. "A libertação dos oprimidos, ideal e prática sapiencial". In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana.* Petrópolis/São Leopoldo, Editora Vozes/Editora Sinodal, 1991, nº 9, p. 14.

35. COMBLIN, José. "Os pobres como sujeito da história". In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, nº 3, Petrópolis/São Leopoldo/São Paulo, 1989, p. 38.

Buscar Javé! Buscar a justiça! Buscar a pobreza!

"Concentrai-vos,
Concentrai-vos, ó nação sem cor (desconcertada).
Antes que dê à luz o decreto, como palha passa o dia
Antes que venha sobre vós o ardor da ira de Javé,
Antes que venha sobre vós o ardor da ira de Javé.
Buscai a Javé todos vós, pobres da terra, que o direito praticais.
Buscai a justiça,
Buscai a pobreza:
talvez sereis escondidos no dia da ira de Javé" (2,1-3).

Vejamos que o texto gira em torno do dia de Javé. A atenção destes versículos está na mudança de ação e espera o bem-estar do povo pobre depois do terrível dia de Javé. Contém exortações. Logo no v. 1 temos uma ordem dirigida para a "nação sem saudade" ou "nação desconcertada". Já no v. 3 encontramos uma exortação para os pobres da terra. A linguagem destes nossos versículos aparece em contraposição a 1,2-18. No capítulo 1 se anuncia o dia de Javé e suas conseqüências para os habitantes de Judá e Jerusalém; já em 2,1-3 é chamada a atenção dos ouvintes para mudarem suas ações e práticas. Sofonias 1,2-18 está centrado nas ações de Javé; enquanto que 2,1-3 dá ênfase às ações do povo (dos pobres). Num prevalece a condenação, noutro o anúncio de salvação e esperança.

Buscar a Javé implica na busca e luta por justiça, que é a força capaz de mudar as estruturas de dominação. Buscar a Javé implica na negação da idolatria (que é a grande engrenagem da política opressora do Estado e do Império sobre os pobres). No entanto buscar a Javé e o seu projeto é a negação do projeto social de espoliação e de violência. A profecia de Sofonias anuncia a saída para o resto de Israel (os pobres da terra) justamente no não-seguimento das ações dos grupos ameaçados pelo dia de Javé (Sf 1,2–2,3). "Buscar a Javé é reconhecer sua presença como fonte de justiça em todos os níveis da vida econômica, política e ideológica (Sf 3,5). Javé é o Rei absoluto que suprime o imperialismo do rei da Assíria (Sf 1,5-6; 3,15)"[36].

Buscar a justiça é caminhar rumo à transformação da estrutura socieconômica de dominação e de privilégios.

E o que a profecia de Sofonias quer dizer com a busca da "pobreza"? Aqui a profecia está utilizando um substantivo feminino singular do verbo *'anah*. A *'anawah* ("pobreza") aparece somente aqui em Sofonias e no livro dos Provérbios (15,33; 18,12; 22,4). "A pobreza será o novo espírito a animar um novo jeito de convivência social, um novo sistema de vida, com outra lógica e com outro dinamismo, bem diferente daquele que dirige a vida dos ricos parasitas que não produzem, mas arrancam com violência o tributo (cf. 1,9)... só a pobreza é o novo espírito que abre à

36. GORGULHO, Gilberto. "Sofonias e o valor histórico dos pobres", p. 29.

justiça (cf. Pr 15,33; 18,12; 22,4; Sl 45)"[37]. A "pobreza" é o coração da vida na justiça e no direito, e é sinônimo de solidariedade ativa. Assim a pobreza retoma o modelo social de partilha, serviço e solidariedade que foram destruídos pelo Estado opressor[38]. Na perspectiva da solidariedade (*hesed*) a busca da pobreza designa uma ação ou comportamento no nível comunitário que visa reconstruir a vida. A pobreza na pregação de Sofonias e na Sabedoria é o sinal de negação dos valores apresentados pelas elites.

Portanto, esta é a linguagem profética de Sofonias para os "pobres da terra", para que este "resto" talvez se salve no dia da ira de Javé. A tarefa é descobrir na pobreza o novo caminho para recriar uma nova sociedade que é negação da opressão. O projeto de uma nova sociedade ou Projeto de Javé para os pobres, conforme a profecia de Sofonias, apresenta-se desde a destruição da cidade opressora e manchada de sangue, da terra repartida e da fidelidade a Javé, o Deus dos pobres. Eis a esperança para os pobres da terra conforme Sofonias 2,1-3.

Para Sofonias não haverá paz na terra enquanto ela for dominada por gente estranha e arrogante que anda dizendo que Javé não faz o bem e nem faz o mal (1,12), e que colocam a sua segurança no ouro e na prata (1,18). Os pobres da terra (o resto de Israel) só viverá tranqüilo e inteiro (*shalom*), quando a terra estiver nas mãos deste resto pobre, pequeno, e que caminha na justiça. Com a destruição das nações que fazem parte tanto dos programas da política imperialista da Assíria quanto da política concentradora de Josias (Gaza, Moab, Amon, Etiópia, Nínive e Jerusalém – Sf 2,4–3,8), os pobres da terra poderão saquear e herdar a terra. "Portanto, por minha vida, disse Javé dos Exércitos, Deus de Israel: Moab será como Sodoma, e os filhos de Amon como Gomorra: campo de urtigas, salinas, perpétua desolação. O remanescente de meu povo os saqueará, e o resto de minha gente será seu herdeiro" (2,9).

"Sua felicidade consiste na realização do grande ideal do povo camponês: apascentar os rebanhos e sentir-se tranqüilo, sem medo de ninguém (cf. 3,12-13). As grandes metrópoles, símbolo da exploração, do luxo e da opressão, voltarão a ser campo e lugar seguro de pastagem para os rebanhos do povo (cf. 2,6-7.13-15; Mq 3,12)"[39]. O ideal da vitória de um povo pobre e fraco que irá pastorear, repousar, herdar a terra, comer o que produz e descansar. "No meio de ti deixarei um povo fraco e pobre, o qual se refugiará no nome de Javé. O remanescente de Israel não fará iniqüidade nem dirá mentira, nem abrigará língua enganosa em sua boca. Certamente serão apascentados e se recostarão sem que haja quem os amedronte" (3,12-13). O final do livro de Sofonias apresenta o canto do resto fraco e pobre que canta e dança

37. GAMELEIRA SOARES, Sebastião Armando. "Sofonias, filho do negro, profeta dos pobres da terra". In: *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, nº 3, Petrópolis/São Leopoldo/São Paulo: Editora Vozes/Editora Sinodal/Imprensa Metodista, 1989, p. 25.

38. ANDERSON, Ana Flora e GORGULHO, Gilberto. *Os sábios na luta do povo*. São Paulo, CEPE/Centro Ecumênico de Publicações e Estudos Frei Tito de Alencar Lima, 2ª edição, 1991, p. 56.

39. GAMELEIRA SOARES, Sebastião Armando. *Opus cit.*, p. 25.

a vitória, que celebra a resistência e a vitória. Fala-nos da intimidade do amor de Javé com os pobres. Amor que brota da experiência do Deus libertador, da confiança em buscar sempre refúgio no nome de Javé, na luta pela justiça, na solidariedade com os irmãos. Para o resto de Israel Javé é refúgio e abrigo seguro e está no meio do povo pobre irradiando alegria e amor. "O jeito de viver a fé dos pobres é como uma casa sempre aberta, uma roda de ciranda onde sempre cabe mais um, uma luz a clarear para além dos estreitos limites de tempo e espaço, de raça e de sexo (Is 49,6s; Sf 2,11; Hab 3,3s). A única coisa que se pede é a total negação da idolatria-opressão, e que se busque a justiça, a pobreza-solidariedade e a fidelidade a Javé (Sf 2,3)"[40].

A profecia de Sofonias nos fortalece e anima a lutar pelo mundo que Deus quer: um mundo sem os totalitários, sem os "donos" do mundo. Sem terras nas mãos de poucos. E terras nas mãos dos sem-terra e sem-teto.

Rafael Rodrigues da Silva
Rua dos operários, 02 – Parque Novo Mundo
02169-240 São Paulo, SP

40. DE ARAÚJO, Miraldo J., RODRIGUES DA SILVA, Rafael e CABRAL, Valdir C. *Olhando a vida com os olhos do profeta Sofonias. Três roteiros de estudo.* São Paulo: CEBI-SP, 1991, p. 25.